

## **“O QUE É MAIS DURO PARA ALGUMAS PESSOAS NEM SEQUER EXISTE PARA OUTRAS”: O CINEMA COMO PROPOSTA ARTÍSTICA PEDAGÓGICA E O ESPAÇO À ALTERIDADE**

**LUIZA DE OLIVEIRA MACIEL<sup>1</sup>; CARLOS EDUARDO SILVA FERREIRA<sup>2</sup>;**  
**DULCINÉIA ESTEVES SANTOS<sup>3</sup>; ALESSANDRA GASPAROTTO<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – oliveiramu@icloud.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – cadu.services96@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – dulcineaestevessantos@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa discorrer sobre o caráter extensionista e os impactos do projeto CinePET, do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes – Diversidade e Tolerância (PET-DT), com enfoque na edição de 2023. Em consonância à ARRUDA-BARBOSA (2019), pontua-se a importância da extensão universitária enquanto fortalecedora dos vínculos de responsabilidade social através do contato entre o aprendiz e a sociedade. Nesse sentido, o debate realizado com a comunidade acadêmica e não-acadêmica proporciona maiores envolvimentos de conhecimento, de forma a ser considerado um ponto forte na formação acadêmica.

O projeto CinePET, criado em 2011, consiste em uma mostra audiovisual que tem como enfoque questões relacionadas à diversidade e tolerância; o tema específico é escolhido ano a ano, pensando nas discussões presentes ou necessárias no determinado momento. Realizada anualmente, a ação conta com debatedores e debatedoras que, ao término da exibição dos filmes, discorrem sobre o assunto tratado, compartilhando experiências e conhecimento. O espaço tem como objetivo fomentar discussões pertinentes junto aos convidados, proporcionando reflexões e expansão de percepções e, principalmente, a compreensão dos mecanismos da intolerância.

Nesse sentido, a edição de 2023 apresentou uma proposta social voltada à negritude e ao racismo, abordando vivências e desafios vividos pelas mulheres negras no Brasil. A ideia partiu de reverberações do próprio grupo PET DT e foi determinada em função do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. O projeto objetivou instigar o pensamento crítico através da ferramenta audiovisual e proporcionar espaço de diálogo, debates e trocas; é neste cenário que surge o CinePET com temática “Falam as Pretas”.

Dessa forma, o objetivo do presente resumo é apresentar o percurso metodológico de construção do projeto, além de refletir sobre seus impactos quantitativos e qualitativos com alicerce em teorias críticas feministas e situadas, que levam em consideração a importância das discussões sociais a respeito dos marcadores de raça e gênero, com ênfase nas mulheres negras do Brasil.

### **2. METODOLOGIA**

O projeto de ciclo de documentários e debates, previsto no planejamento de atividades de 2023 do PET Diversidade e Tolerância, teve sua escolha temática e metodológica voltada a um olhar contra-hegemônico, de forma situada e corporificada, pautada em reverberações dos petianos e petianas que dialogavam com questões de diversidade e tolerância. De acordo com a noção de Saberes Localizados de DONNA HARAWAY (2009), todo conhecimento é produzido a partir do contexto cultural, social e pessoal dos pesquisadores e pesquisadoras, resultando em um fazer científico comprometido e localizado, indo contra à noção de ciência neutra e imparcial. Dessa forma, reconhecer as singularidades e implicações

dos petianos e petianas é essencial na construção de um conhecimento situado e científico.

O título da mostra de 2023 foi “CinePET: Falam as Pretas”, onde vivências de mulheres negras relataram sobre suas potências, dificuldades e resistências. O incentivo para a decisão da temática a ser trabalhada veio da observação de uma bolsista do grupo a respeito da carência de discussões acerca do racismo dentro da universidade e, mais especificamente, nos grupos PETs da UFPel.

Nesse sentido, PINHEIRO (2023) apresenta a importância de uma educação antirracista quando menciona a perspectiva do que o ocidente fez com a população negra, alegando que são vidas desimportantes, enquanto a população negra segue dizendo que vidas negras importam. Enquanto racistas dizem que pessoas negras são “feias”, “burras” e “sem cultura” ou “não civilizadas”, as pessoas negras passam a vida inteira tentando provar o contrário e isso é devido à estrutura racista. Assim, só a educação vence o racismo; o Programa de Educação Tutorial tem o compromisso de contribuir à essa formação antirracista.

A partir das discussões dos petianos em torno do projeto, surgiram diversos desdobramentos para a execução da atividade. Foram realizadas reuniões para definir o recorte específico da temática, e um grupo de trabalho específico para pensar os eixos do projeto: periodicidade, estética, conteúdos e a mensagem das propostas visuais, bem como divulgação, convidados da sociedade e respectivas questões legais no processo de uso de imagem e ocupação de espaço público.

O cronograma foi facilmente elaborado após organização administrativa junto ao Cine UFPel; a curadoria foi realizada a partir das reverberações do grupo com foco nas mensagens e discussões que seriam propostas, a fim de evitar tangenciar o tema. Os documentários e curta-metragens selecionados eram disparadores de questões a serem debatidas; era de suma importância que estes estivessem disponibilizados em algum site ou plataforma de forma gratuita. Além disso, as produtoras foram contatadas e autorizaram a exibição no Cine UFPel.

Dessa forma, o ciclo de documentários e debates do PET DT ocorreu nos meses de outubro e novembro, onde cada sessão foi seguida por debates com especialistas e ativistas, oferecendo uma oportunidade para reflexão e discussão sobre negritude e racismo. O evento teve caráter gratuito e aberto ao público, com certificado de 20 horas disponível para inscritos. A divulgação ocorreu por meio das redes sociais do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes – Diversidade e Tolerância (PET-DT)<sup>1</sup>, através de canais institucionais, a fim de ampliar a capacidade das estratégias de divulgação e difusão no meio acadêmico e social, e também por intermédio dos membros do PET DT; o cartaz de divulgação foi feito manualmente por um petiano artista que compõem o grupo, pensando na transmissão efetiva da mensagem e sensível aos grupos alvo.

### **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**

Os principais relatos e impactos estão associados à experiência de estruturação do projeto, bem como a divisão de tarefas e elaboração de propostas de extensão. Os desdobramentos da ação incluem analisar a aderência social ao evento, iluminados pelos dados de interações online, discorrer sobre a qualidade dos debates gerados em relação aos objetos cinematográficos curados e, ainda, refletir acerca das possibilidades de criação e manutenção de espaços voltados à escuta e reflexão sobre assuntos como este.

Segundo o apresentado na metodologia, a curadoria foi voltada à escolha de diferentes tipologias cinematográficas e abordagens estéticas, a fim de abranger um

<sup>1</sup> com foco no Instagram, que pode ser acessado no seguinte link:  
<https://www.instagram.com/pet.dt/>

maior número de possibilidades para os espectadores. Essa coletânea audiovisual demonstrou a capacidade que esses recursos possuem em influenciar a coletividade, pois o cinema enquanto espaço político abre espaço não só para reflexão sobre temáticas importantes, mas principalmente para discussões a respeito de outras perspectivas que fogem à experiência individual.

O debate em torno do cinema e educação evoluiu com o advento dos veículos de comunicação de massa; a união dessas práticas promovem uma série integral de elementos epistêmicos e contempla benefícios que envolve o desenvolvimento de frentes cognitivas que trabalham sensibilidade, criticidade e criatividade, amplia nossas capacidade discursivas envolta da temática sugerida e por fim sugere projeções e identificações multifacetadas (ALMEIDA, 2017).

Dessa forma, entende-se que o cinema é compreendido e utilizado como uma ferramenta artística e também política, por conta de sua capacidade intrínseca de transpor a realidade social através do audiovisual, seja por meio de narrativas reais documentadas ou ficcionais. Dialogando com BERGALA (2008), percebe-se que o cinema cria espaço à alteridade, uma vez que possibilita entrar em contato com experiências distintas desvinculando-se de um olhar colonial que pressupõem o saber sobre o outro. Em consonância, AHMED (2022, p.228) afirma “O que é mais duro para algumas pessoas nem sequer existe para outras”.

Para o primeiro dia do evento, foi selecionado o documentário “Negritudes Brasileiras”, que trazia falas sobre colorismo, história no brasil, corpo, autoestima e consciência racial, revelando o processo subjetivo de observação de si; esses assuntos foram debatidos por Bianca Duarte e Maria Heloisa Martins. No segundo dia, as debatedoras Ana Laura Romero e Francisca Jesus discutiram sobre as questões levantadas no curta-metragem “KBELA” e no documentário “As Minas do Rap”, voltadas ao empoderamento das mulheres negras.

As palestrantes da terceira sessão foram Dulcinéia Santos e Janaize Batalha Neves, que trouxeram falas potentes e empoderadoras em concordância ao documentário exibido: “Feminismo Negro contado em Primeira Pessoa”. Já no último encontro do CinePET 2023, o filme “A Coisa Tá Preta” apresentou o conceito de racismo estrutural e expôs suas raízes sociais, em paralelo ao documentário “Mulheres Negras - Projetos de Mundo” que trazia as forças e lutas por espaços de mulheres negras; as debatedoras Eliana Rocha e Maica Tainara Soares Ferreira contribuíram com falas potentes acerca de suas experiências.

Uma das dificuldades encontradas ao longo do projeto foi a garantia de aderência do público aos dias de evento. O primeiro dia teve uma ampla participação, contando com aproximadamente 50 pessoas na sessão; já nos outros dias a média foi em torno de 15 presentes. Essa ausência do público mesmo quando os números de inscrições foram relevantes<sup>2</sup> pode ser refletida por diferentes faces.

Com ênfase nos impactos quantitativos, os dados fatoriais são sinalizadores da experiência da divulgação em redes sociais. As publicações do evento nas redes apresentaram uma média de alcance de 253,13 contas e média de 347,5 visualizações, refletindo boa visibilidade das postagens. Em termos de interações, a média foi de 84 por publicação; os compartilhamentos atingiram uma média de 25 por postagem, atestando um engajamento positivo. Logo, é possível identificar que o evento teve uma boa divulgação midiática, atingindo diversas pessoas.

Por mais que questões estruturais também tenham sido complicadoras, é necessário atentar-se à uma perspectiva crítico-social: a resistência que existe ao falar e trabalhar a respeito das temáticas de raça e gênero. SARA AHMED (2022) discorre sobre como expor um problema é, muitas vezes, visto como criar um problema – uma vez que pessoas que não o encaram ou sofrem com ele, não o

<sup>2</sup> houveram 57 respostas ao formulário, com 42 pessoas pretendendo ir no primeiro dia e em torno de 30 nos outros

veem ou escolhem não ver. A autora utiliza o conceito de “parede de tijolos” enquanto metáfora, sugerindo que o trabalho com diversidade gera, com frequência, a sensação de bater a cabeça contra uma parede de tijolos, vez após vez. Dessa forma, a pessoa que expõe o problema e as violências sofridas é vista, por aqueles que não encaram essas paredes, como criadora de problemas.

Os impactos qualitativos ficaram visíveis através da participação e comentários das pessoas presentes que engajaram nos debates, colaboraram com falas, relatos e experiências. Sobre as debatedoras, ao se dirigirem ao público e trazerem as questões positivas de ser um corpo negro, assumiram uma abordagem audaciosa, já que são subalternizados – ainda mais tratando-se de mulheres. Nessa perspectiva, a escritora indiana SPIVAK (2010) apresenta que o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, sendo exatamente o que a sociedade racista impõe às mulheres negras. Em contrapartida, ao longo do evento, as mulheres convidadas puderam contrapor esses argumentos, expondo suas vivências de poder, sendo combativas e sonhadoras.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto, foi possível perceber, ao longo da organização e execução do evento, como os debates e as trocas estabelecidos após as exibições dos audiovisuais eram enriquecidos e potencializado por esses recursos visuais – ocupando um espaço essencial em uma relação onde os filmes sozinhos não dariam conta de expor tantas questões e o debate, por sua vez, sem estes materiais não contaria com um pontapé inicial tão potente. As teorias utilizadas para diálogo ao longo do trabalho, reforçam a importância do cinema enquanto recurso artístico e político e incitador de discussões relevantes, em uma prática decolonial voltada ao reconhecimento da alteridade. Dessa forma, corpos marginalizados podem ser ouvidos e reconhecidos em suas singularidades, entre dificuldades e potencialidades.

Percebendo os resultados positivos do projeto, fruto dessas trocas e mobilizações, é notável a urgência em pensar como os espaços para diálogos sobre assuntos de diversidade e tolerância existem ou não dentro da Universidade – e como podem ser criados e fortalecidos com apoio da instituição.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, Sara. Viver uma vida feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, Mariana Ruggierie e Sheyla Miranda. São Paulo: Ubu, 2022.

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 33, e153836, 2017.

ARRUDA-BARBOSA, L. de. et al.. Extensão como ferramenta de aproximação da universidade com o ensino médio. Cadernos de Pesquisa, v. 49, n. 174, p. 316– 327, out. 2019.

BERGALA, A. A hipótese-cinema – Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, RJ: Booklink / CINEAD-LISE-FE/ UFRJ, 2008.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 2009.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista/. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode um subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2010.